

Taubaté, 2, 4, 1906

Rangel:

Por esta entediada Sexta-Feira Santa, em que Taubaté inteiro transpira na igreja em trevas, um pobre diabo que não aguentou o suadouro e raspou-se só vê duas coisas diante de si: dormir uma soneca ou escrever a um amigo. Eis como, Rangel, o fato dum suave galileu ter morrido na tortura lá nos fundos da Asia me leva a comunicar-me com você_ já que não ha sono para a soneca. Ela está na igreja, mas a falta de luz é tamanha que não pudemos trocar olhares; e como me pareceu muito suportar tanto suor sem a compensação dos seus olhares desertei. (Ha por aqui uma novidade na giria, o verbo “grelar”. Corresponde a flirtar, ou namorar com os olhos. Tome nota).

Aquele tédio antigo me voltou. Ando a ver tudo amarelo. Ontem reli coisas do teu *Diario*, mais analisadamente que da primeira vez. Estão lá os teus estados d'alma do tempo do namoro_ esse primeiro degrau para o casamento. Tudo compreendo muito bem agora. A vida do celibatario numa capital justifica-se; nestas cidadinhas do interior é um absurdo. A absoluta ausencia do que fazer nos força a casar_ é o meio de fazer qualquer coisa. Mas para quem pensa um bocado, o tal casar o põe vacilante como Hamlet. É uma combuca com dois dados dentro_ unicamente a sorte nos faz pegar no branco em vez de no preto.

Ela ou é extremamente complicada ou extremamente simples. São dois modos de ser tão distantes que comumente se confundem_ entenda. Dá impressão da maxima fraqueza_ mas pelo carnaval sustentou contra mim uma luta de lança-perfumes e me manietou as mãos com tanta força que tive de bater em retirada_ e com mais uma incognita a interferir na minha equação.

Rangel, quero que me escrevas com minucias sobre o teu novo estado, as novas esperanças e projetos_ e se o casamento dá a sensação da estabilidade que um ente depois dos 20 anos começa a necessitar. Meu cansaço é esse: instabilidade, vida no ar. Acentua-se em mim o desejo de ancorar num porto. E que porto ha para o homem, se não a mulher?

LOBATO